O Estigma do Corpo manifestado em memes no Facebook[1]

Letícia SCHINESTSCK[2]
Raquel RECUERO[3]
Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Rio Grande do Sul

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar de que forma a violência simbólica manifestada contra pessoas com excesso de peso é propagada a partir do uso do site de rede social Facebook. Para isso, escolhemos arbitrariamente três postagens distintas de três fanpages para realizar a análise. A metodologia deste trabalho está baseada na Análise do Discurso Mediado pelo Computador e trabalha com uma observação específica para o ambiente virtual. Assim, observamos as questões estruturais de cada meme, buscando elementos que pudessem servir como base para identificar a violência velada, quase não entendida como violência por ser reproduzida nos discursos de humor e ironia. Analisamos a interação nas postagens, as curtidas, os compartilhamentos, os comentários e os discursos construídos por meio destes. Com a premissa do humor, observamos a replicação do estigma do corpo e a legitimação do mesmo, fazendo com que o conteúdo circule de uma maneira assustadoramente rápida e tenha potencial para atingir um maior número de indivíduos e permanecer na rede.

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; Violência Simbólica; Estigma; Corpo

1. Introdução

Sabe-se que a internet possui cada vez mais novos adeptos. No Brasil, por exemplo, há um contraste relevante entre os anos de 2008 e 2013, segundo a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (Cetic)[4].Os dados apontados demonstram o crescimento de quase 45% no que diz respeito aos novos usuários durante o período. Isso quer dizer que mais de 24,5 milhões de internautas novos começaram a navegar na rede. Para ter uma ideia, este número, em 2010, chegou a 21% da população brasileira. Da mesma maneira, observamos que os incidentes envolvendo a violência contra os usuários também está em ascensão, o que torna relevante os estudos focados no ambiente online, uma vez que é a partir dele que novas formas de sociabilidade são criadas e manifestadas em rede. A partir deste trabalho pretendemos observar a violência online e suas formas de manifestação e legitimação através do uso do humor no

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Rádio TV e Internet, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, email: le.rschin@gmail.com
[3] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, email: raquel@pontomidia.com.br
[4] A pesquisa pode ser acessada pelo site www.secundados.com.br ou pelo próprio site da Cetic: www.cetic.br

site de rede social Facebook. A violência simbólica (BOURDIEU, 1930) que pretendemos apreender é ligada aos padrões estéticos e corporais impostos pela história e pela época, sempre enfatizando a presença feminina, cada uma de acordo com os padrões do seu tempo a partir de conteúdos humorísticos.

Hoje, temos uma mulher que é vulgarizada e reduzida a uma incessante busca pelo corpo perfeito, como se fosse por meio deste que ela garantiria sua realização, sua felicidade. Para este trabalho usaremos conceitos de autores como Elias (2000), Maffesoli (2006), Recuero (2009), Goffman (1996) entre outros. A metodologia escolhida é chamada de Análise do Discurso Mediado pelo Computador (CMDA) e foi criada pela linguista Susan Herring (2004) para analisar os fenômenos específicos do universo virtual, levando em conta o contexto e os espaços onde ocorrem as interações. A partir de agora, discutiremos um pouco sobre os sites de redes sociais, logo depois abordaremos alguns conceitos de sociabilidade online, seguido da violência simbólica e, finalmente, a apresentação dos dados e análise.

2. Sites de rede social

Os sites de redes sociais convidaram os indivíduos a ampliarem suas conexões e a darem início a novos tipos de circulação de informação (RECUERO e ZAGO, 2009), a inventarem outras formas de interação (PRIMO, 2006) e instaurar novos tipos de sociabilidade. São espaços que, devido a sua estrutura, deixam à mostra pistas sobre os relacionamentos que se criam em rede e dos valores sustentados e reproduzidos pelos agrupamentos de usuários no interior do site. Nesse espaço, há uma diversidade de interações mediadas pelo computador com potencial para abranger uma quantidade relevante de atores. São conteúdos públicos que circulam pelas diferentes redes sociais e podem sofrer interferências diretamente por qualquer um que tenha acesso à ferramenta. Os usuários desses sites se apoderam dos instrumentos oferecidos pela comunicação mediada pelo computador (CMC) e constroem elementos individuais que representem parte de sua personalidade. Assim:

> Em sites de redes sociais, os atores são representados através de seus perfis, ou seja, de páginas que trazem os dados pessoais do indivíduo, geralmente acompanhados de uma foto ou ilustração, constituindo, assim, "uma representação online do self" (BOYD & ELLISON, 2007 *apud* Zago, 2011, p.2).

Por conta da distância e da mediação do computador, os sujeitos se apresentam aos outros através de um perfil. No perfil é possível personalizar, ilustrar e, como mostrou a

autora, podem trazer dados pessoais do indivíduo, construindo uma representação online do self. Os conteúdos, quando divulgados, demonstram os valores relevantes, manifestados por cada agrupamento destes sites. Assim, são essas redes que vão reproduzir e sustentar as informações consideradas importantes para cada grupo social. Isto quer dizer que, mesmo que sem intenção, enquanto se comunica com outros usuários a partir dos sites de rede social, o ator deixa vir à tona detalhes importantes de sua sociabilidade com os demais, dos valores que defende e das manifestações por ele emitidas. Perceber o outro no ciberespaço é condição fundamental para a interação entre os usuários. São estas pistas que estruturam a comunicação e identificam, de alguma maneira, o indivíduo que está por trás de cada ferramenta, proporcionando indícios para a interação social. A seguir iremos pontuar alguns elementos específicos do Facebook, site de rede social que nos propomos a analisar.

2.1 Facebook

Escolhemos o Facebook, dentre tantos outros sites de rede social, por seu caráter múltiplo. O Facebook é um site de rede social em que qualquer indivíduo pode se inserir. Além desse acesso livre, o espaço permite que o usuário construa uma 'sinopse' de sua própria vida através de ferramentas como personalização do perfil – e isso inclui a possibilidade de escolher uma foto principal, representando o ator. Também é possível escolher uma capa para o perfil, ou seja, além da foto estilizada, há também uma opção para que o indivíduo escolha o que mais lhe parece semelhante. Depois de devidamente cadastrado, com foto e capa que identifique o perfil do sujeito, o Facebook também sugere o preenchimento de alguns itens como instituição de ensino, local de trabalho, cidade onde nasceu (o que também possibilita encontrar e se relacionar com conterrâneos, mesmo que não se more mais em determinado local). As atividades realizadas por cada internauta ficam registradas em uma Time Line[5], ou seja, uma linha do tempo que indica, em ordem cronológica, as movimentações daquele ator no site. Conforme o indivíduo publica fotos, vídeos, comenta em alguma fan page[6], curte e adiciona qualquer elemento ao seu perfil, a Time Line dispõe, no lado direito da tela, na ordem do acontecimento dos fatos. É possível, então, apreender elementos chaves para entender a sociabilidade instaurada nos sites, compartilhados pelos usuários em sua rede de amigos e dotados de valores que constituem, por sua vez, novas maneiras de sociabilidade online.

[5] https://www.facebook.com/about/timeline
[6] No Facebook, uma fan page é uma interface específica para a divulgação de uma empresa, marca, banda, etc. Ao realizar a criação é permitido que o indivíduo especifique o objetivo dela e direcione, desta forma, o público com o qual deseja se relacionar.

2.2 Sociabilidade Online

O espaço virtual foi transformado em um ambiente contextual comum, onde é possível construir novas formas de interação e sociabilidade. Ribeiro (2001), entende que isto acontece devido aos programas criados para trocar informações em rede, o que acabou amplificando o alcance das interações estabelecidas em tempo real, ou seja, de maneira instantânea, no exato momento do acontecimento. No interior destas ferramentas instaura-se um espaço de convivência em que os indivíduos criam relações de intensidades diversas, muitas vezes correspondendo a uma parcela significativa na representação de determinado usuário. Estas representações, com o decorrer do tempo, são reconhecidas e interiorizadas pelos outros indivíduos, passando a fazer parte de uma nova realidade (virtual). Assim, as novas relações sociais criadas a partir da mediação do computador podem deixar descobrir características da sociabilidade contemporânea, em que a estruturação das relações é constituída a partir de construções e representações simbólicas que, a partir da tecnologia disponível, utilizam as convivências virtuais estabelecidas no ciberespaço para formatarem uma apresentação ideal de si.

Lembramos o pensamento de Goffman (1996) que afirma que o homem em sua sociedade recorre a maneiras diferentes de representações para mostrar aos outros. Isso quer dizer que, através das relações estabelecidas em sociedade, o ser humano manipula a própria apresentação de seu "eu" em relação aos papeis já estruturados. Assim, as relações são estruturadas de forma a proporcionar a constituição de um mundo novo pelo indivíduo. Maffesoli (2006, p.259) lembra que "é nesse sentido que é preciso compreender a construção social da realidade que, ao contrário do que sempre se pensa, é essencialmente simbólica. O mundo que sou é, portanto, um conjunto de referências que divido com outros". O compartilhamento desta realidade, no entanto, é modificado pelo próprio indivíduo que se agrupa e se relaciona de forma a constituir-se, ele mesmo, em sua interação com o coletivo. Ribeiro (2001, p.142) explica que o ciberespaço se caracteriza como "(...)um espaço de comunicação pura, um espaço virtual no qual as relações são construídas sem a presença do corpo físico, e portanto vivenciadas unicamente através das construções imaginárias dos cibernautas, gerando novas formas de interações mediadas pela presença do computador". O usuário pode mesclar suas representações e experimentar outras identidades pelos simples fato de a CMC eliminar as pistas físicas (gestos, expressões, movimentos, etc.) que ajudam a estabelecer tais relações face a face. Uma vez conectado à rede, o indivíduo é livre para usufruir e criar vínculos diversos com outros

usuários que estão distantes fisicamente. No ambiente físico, o indivíduo acaba atrelado a papeis determinados, como o papel de pai, de filho, de professor, etc. Neste espaço não se tem a escolha de trocar de identidades – como no espaço online – apenas restando ao sujeito se comportar e encaixar seu comportamento na expectativa criada pelas circunstâncias (cenários) sociais. Para explicar a relação entre a sociedade como protagonista, que cria cenários sociais pré-determinados, fachadas e direciona os atores a agirem de maneiras distintas mediante as diferenças sociais de cada grupo a que está inserido, Goffman (1996) afirma que:

> Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel Quer a investidura no papel tenha sido primordialmente motivada pelo desejo de desempenhar a mencionada tarefa, quer pelo desejo de manter a fachada correspondente, o ator verificará que deve fazer ambas as coisas. Além disso, se um indivíduo assume um papel que não somente é novo para ele, mas também não está estabelecido na sociedade, ou se tenta modificar o conceito em que o papel é tido, provavelmente descobrirá a existência de várias fachadas bem estabelecidas entre as quais tem que escolher (Goffman, 1996, p.34)

Assim, a sociedade torna-se a protagonista e o palco das relações sociais, vivenciadas por atores que assumem as mais diversas fachadas pré-estabelecidas para cada função, para cada papel. A existência destes papeis permanece entranhada na cultura da sociedade, já que é através da própria sociedade que tais funções são estipuladas e assimiladas. Na comunicação pela internet qualquer usuário pode assumir qualquer papel, já que o ambiente físico deixou de ser um empecilho, libertando o indivíduo de sua condição social imposta pela sociedade e oferecendo a possibilidade de experimentar múltiplos papeis, infinitas identidades. Passaremos a discutir a violência simbólica a partir de agora.

3. Violência Simbólica

Para Bourdieu (1930), a violência simbólica deriva de um mecanismo de construção social voltado para a manutenção e perpetuação de valores simbólicos de uma determinada classe dita dominante a partir da assimilação e interiorização da cultura compreendida como ‘superior’. Esta violência, diferentemente da violência física, encontra-se, deste modo, imersa nas relações sociais e entrelaçada a formas invisíveis de coação que ganham suporte e apoio, muitas vezes, em preconceitos e crenças coletivas. Trata-se de um processo de intervenção no arbitrário cultural, no qual a concepção cultural dos grupos e classes dominantes impõe a toda a sociedade um direcionamento pré-determinado, mesmo que de maneira inconsciente.O poder simbólico só se instaura quando o sujeito que está em

condição inferior concede ao outro o poder de dominação, ou seja, "é um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe" (BOURDIEU, 1930, p.188). Complementando a ideia de consentimento proposta por Bourdieu, Norbert Elias (2000) afirma que:

> Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. (...) Afixar o rótulo de "valor humano inferior" a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder como meio de manter sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar a auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (Elias, 200, p.24)

Assim, percebemos que a perpetuação do poder simbólico está incorporada no próprio imaginário coletivo. São forças produzidas e reproduzidas pelas estruturas, reafirmando as posições na hierarquia. Outro aspecto fundamental para o entendimento da violência e do poder simbólico é a noção de habitus, também conferida pelo sociólogo Bourdieu(1930). Para o autor, o habitus diz respeito a um sistema de disposições, formas de sentir, de fazer, de pensar e também de perceber e que, por este motivo, induzem a comportamentos específicos em diferentes situações que envolvem os atores sociais. Assim, o habitus é o que conecta o indivíduo à sociedade e é formado pelas condições de existência do mesmo, influenciando em suas formas de agir, compreender e sentir o mundo. O habitus pode ser entendido como uma segunda natureza, relativamente independente, uma vez que se encontra historicamente presa ao indivíduo, isto é, vai sendo adquirida ao longo do tempo, sem que o sujeito tenha consciência disso. Ele exerce sua força sem que o sujeito tenha controle. "É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção" (BOURDIEU, 1930, p.22).

Vimos que violência simbólica se refere a todo ato de imposição simbólica, realizado através de significações incorporadas como legítimas e verdadeiras em determinado indivíduo ou sociedade. Trata-se de um conjunto de ações que insultam camufladamente o sujeito. O jogo de forças travado entre habitus e atores sociais em suas relações é escondido, então, por essas práticas socialmente aceitas e perpetuadas. Também apontamos que o mecanismo de manutenção destas forças 'invisíveis' é instituído por um longo processo cultural de assimilação de sistemas de dominação e que são mascarados pela violência simbólica. Dito isso, passaremos a discutir a metodologia do trabalho.

4. Metodologia

Para este trabalho, cujo objetivo é observar como a violência simbólica é reproduzida de maneira sutil entre as relações estabelecidas no Facebook, entendemos que a abordagem metodológica, quanto mais específica for para o ambiente online, mais completos serão os resultados apresentados na pesquisa, uma vez que é levado em conta o contexto em que elas ocorrem. Por isso, optamos por aplicar o método proposto pela linguista Susan Herring (2004), onde o foco é pensar as relações mediadas pelo computador e como elas significam. O método foi chamado de Computer-Mediated Discourse Analysis (CMDA), isto é, Análise do Discurso Mediado pelo Computador. A proposta da autora é sugerir um método capaz de apreender elementos da linguagem utilizada pelos usuários no ambiente online e abordá-los a partir da linguística. A CMDA analisa o discurso social, histórico e culturalmente construído no ambiente online pelos atores sociais, o que torna o método relevante para este trabalho, uma vez que pretendemos observar como a violência 'sutil' é propagada pelos mesmos, a partir de memes[7]e outros tipos de discurso no Facebook. Herring (2004) estipula quatro níveis para análise da CMDA, são eles: a estrutura, o sentido, a organização da interação e o fenômeno social. A investigação dos discursos, então, poderá guiar-se por esses pontos, cada um com elementos próprios para a coleta das informações (Ver tabela1).

Nível	**Questões**	**Fenômeno**	**Métodos**
Estrutura	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero e etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística etc.
Sentido	Qual é a intenção O que é comunicado O que é realizado	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc.	Semântica e pragmática.
Interação	Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas e etc.	Análise da Conversação e etnometodologia.
Comportamento Social	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais e etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc.	Sociolinguistica interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.

[7]Do grego "mimeme". Blackmore (1999, apud Recuero, 2006, online) define meme como "instructions for carryng out behavior, stored in brains (or other objects) and passed on by imitation"; tradução da autora para: "instruções para realizer comportamentos, estocadas nos cérebros (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação".

Comunicação Multimodal[8]	Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia e etc.	Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc.	Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc.

Tabela 1: Quatro níveis da CMDA (Herring 2004)

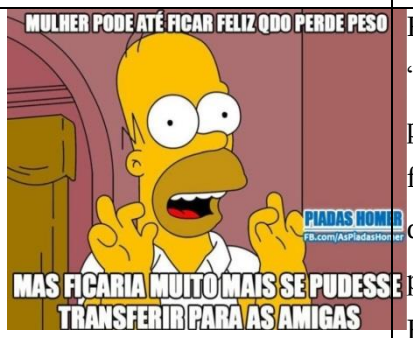
A partir da Tabela 1 é possível analisar a maneira com que os usuários perpetuam a violência simbólica a respeito do corpo acima do peso. Assim, consideramos este espaço relevante para observarmos as interações estabelecidas pelos indivíduos. O Facebook também foi escolhido por deixar visível tais relações, o que auxilia a análise. Para este trabalho, optamos por analisar 3 fanpages diferentes e populares entre os usuários que costumam acessar conteúdos com humor, mesmo que contenha a violência implícita.

4.1 Análise

Observamos livremente diversas fanpages entre o mês de abril e maio de 2013, até encontrar o conteúdo que julgamos pertinentes para análise. A primeira chama-se Gorda Depressão[9], é curtida por 3.755[10] usuários e possui a descrição "Vou comer esse doce só para tirar o gosto do salgado". Gorda Depressão é uma fanpage baseada no humor relacionado ao peso e sustenta o estigma do gordo através de postagens irônicas que reforçam a violência simbólica. A Postagem 1 foi publicada no dia 18 de abril e coletada no dia 10 de maio. A outra fanpage escolhida foi a Gordadepre[11], com 34.624 fãs e com a descrição "Para todos os portadores dessa beleza renascentista". A Postagem 2 foi publicada no dia 30 de novembro de 2012 e coletada no dia 10 de maio de 2013. Por fim, optamos pela fanpage Mulheres Maléficas[12], que possui 906 mil curtidas e também age a partir da premissa do humor e da ironia. A descrição "A ironia é a expressão mais perfeita do pensamento", já dá indícios do conteúdo sustentado pela fanpage. Embora não seja direcionada ao corpo, como as duas primeiras, a fanpage faz referência a ele com frequência. A Postagem 3 foi publicada na fanpage Mulheres Maléficas no dia 5 de abril e

[8] Essa última categoria é proposta e discutida por Herring (2012). Sua incorporação foi considerada essencial para este trabalho. A inclusão desta categoria é proposta diante do advento do que a autora chama de Web 2.0, os novos ambientes do discurso que projetam novos padrões de uso, novos contextos de linguagem, convergentes e hipermidiáticos.
[9] https://www.facebook.com/GordaDepressao
[10] Até o momento da coleta (10 de maio de 2013)
[11] https://www.facebook.com/GordaDepre
[12] https://www.facebook.com/MulheresMaleficas

coletada no dia 10 de maio de 2013. Para facilitar a visualização dos dados, criamos uma tabela para identificar cada elemento analisado.

Nome	**Imagem**	**Texto**	**Curtidas**	**Compartilhamentos**	**Comentários**
Postagem 1		Frase 1: "Mulher pode até ficar feliz qd perde peso" Frase 2: "Mas ficaria muito mais se pudesse transferir para as amigas"	12	26	0
Postagem 2		Frase 1:"Tudo na vida é uma questão de escolha" Frase 2: "Faça a sua!"	214	93	16
Postagem 3		Frase 1: "Sabe qual a frase a cobra usou, para convencer a Eva a comer a maçã?"	242	1093	7

		Frase 2: "Come besta, emagrece!"			

a) **Estrutura**: No que diz respeito à estrutura, percebemos que as três postagens analisadas são compostas por duas frases. A Postagem 1 monta sua estrutura a partir de um enunciado do lado superior da imagem e outro, com letras maiores, na parte inferior da imagem. A Postagem 2 também é estruturada a partir de duas frases dispostas no canto inferior direito da imagem. Já a Postagem 3 possui sua estrutura montada a partir de uma imagem e logo abaixo o texto, também separado em duas frases. Percebe-se que, nos três casos, há um espaço de respiro, de reflexão, para que o usuário consiga compreender o sentido da postagem.

b) **Sentido:** Primeiramente, é relevante ressaltar que o habitus (BOURDIEU, 1930) e a construção imaginária (RIBEIRO, 2001) sustentada por todas elas são semelhantes. É possível ver que as 3 perpetuam o mesmo estigma da mulher na eterna luta com a balança, cada uma fazendo uso de recursos simbólicos coletivamente construídos (RECUERO, 2012) no interior das fanpages. Cada uma à sua maneira, mas todas agindo pontualmente para atribuir o valor de ser humano inferior (ELIAS, 2000), neste caso o gordo. Notamos que as 3 postagens instauram sua violência simbólica (BOURDIEU, 1930) a partir de discursos irônicos acompanhados de uma imagem. Além disso, através dos compartilhamentos é possível modificar completamente o sentido, como podemos perceber na Figura 1, onde a usuária compartilha o conteúdo tal qual como ele é, mas muda o sentido ao falar "Transferir prah inimigas!!!" e não para as amigas, como sugere o sentido inicial da Postagem 1.

Figura 1: Exemplo de mudança de sentido a partir da Postagem 1

c) **Interação**: Chamou atenção que o habitus (BOURDIEU, 1930) perpetuado em todas elas não é apenas realizado através de curtidas ou comentários que permanecem somente naquela fanpage. Ao contrário, o maior número de interações

se deu através dos compartilhamentos (26 na Postagem 1, 93 na Postagem 2 e 1093 na Postagem 3), o que demonstra o intuito de os usuários reproduzirem o estigma em suas próprias linhas do tempo e não apenas legitimá-lo. Podemos pensar esta situação dentro da lógica proposta por Maffesoli (1984 *apud* RIBEIRO, 2001), já que, para ele, o indivíduo utiliza diferentes interações para construir uma realidade simbólica na qual represente o seu "eu-ideal". Nas fanpages do Facebook, essas construções simbólicas vão sendo estabelecidas a partir das convivências virtuais instauradas no próprio site e, dependendo do tipo de interação, há diferença na formatação da identidade e na maneira de como aquele usuário poderá ser percebido pela sua rede. Pela escolha de compartilhar, percebemos um indivíduo optando por estratégias que auxiliem a moldar, em seu espaço pessoal, os recursos coletivamente construídos (RECUERO, 2012) pelo habitus de cada fanpage (BOURDIEU, 1930). Desta forma, a violência simbólica com pessoas acima do peso parece ser encoberta por um falso humor e perpetuado das mais diversas formas que sustentem a hierarquia entre o gordo e o magro e associe tais estigmas aos valores e representações online do self (BOYD e ELLISON, 2007 *apud* ZAGO, 2011) de cada usuário.

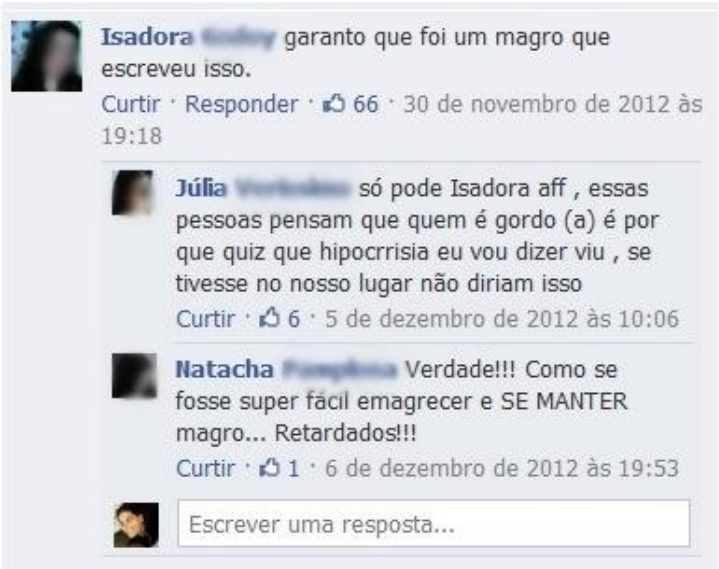


Figura 1: Exemplo de interação a partir da Postagem 2

A partir do exemplo da Figura 2 percebe-se a interação gerada a partir do comentário da primeira usuária. Através das curtidas e dos comentários seguintes vemos que há um apoio recíproco entre as usuárias. Já na Figura 3, observamos a

rejeição do agrupamento quando manifestado algo que não vai ao encontro da proposta da comunidade, isto é, que não satiriza o corpo e o excesso de peso.

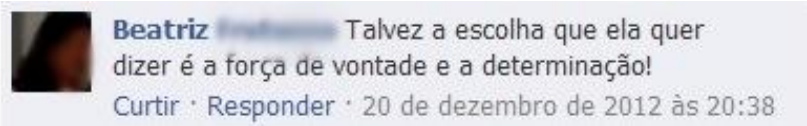


Figura 3: Exemplo de rejeição da Postagem 2

Enquanto 66 pessoas curtiram o comentário da Figura 2, nenhum atribuiu valor ao comentário da usuária da Figura 3, que tenta entender a Postagem 2 como um incentivo e não como uma violência.

d) **Comportamento Social:** Percebe-se a legitimação e o consentimento visível das mulheres quanto ao corpo. A dominação e violência simbólica aparece naturalizado nas manifestações das usuárias, como podemos ver nos exemplos da Figura 4e 5.

Figura 4: Exemplo de apoio a Postagem 3

Figura 5: Exemplo de legitimação da Postagem 3

A partir desses exemplos podemos perceber que a mulher justifica a Postagem 3, como se essa fosse a atitude padrão a ser seguida.

e) **Comunicação Multimodal:** As três postagens analisadas utilizam elementos multimodais. A Postagem 1 mostra, por exemplo, a usuária da Figura 1 que transforma o sentido da mensagem ao compartilhar em seu perfil com uma legenda diferente. A Postagem 2 cria novos discursos a partir dos compartilhamentos, como podemos ver na Figura 6 e 7, o que vão ajudar na construção imaginária (RIBEIRO, 2001) e no papel escolhido (Goffman,1996) para representar-se perante os outros usuários. Na Postagem 3, a comunicação multimodal é vista, além da adição de

novos discursos a partir das ferramentas do Facebook, através do uso de links para legitimar o discurso do usuário.

Figura 6: Exemplo de comunicação multimodal na Postagem 2

Figura 7: Exemplo de comunicação multimodal na Postagem 3

5. Conclusão

A partir dos resultados obtidos com este trabalho, entendemos que o humor, a ironia e o sarcasmo são elementos presentes nas três postagens analisadas no Facebook e que tem o potencial de se perpetuarem entre os mais diversos grupos e fanpages com a justificativa de ser uma "brincadeira engraçada" e replicada por usuários com "senso de humor" avantajado, sem que os mesmos tenham a real percepção de que, na verdade, o conteúdo compartilhado por ele é portador de um habitus (BOURDIEU, 1930) negativo, que violenta não só a mulher, mas todos os que se sentiram enquadrados na situação engraçada da postagem. Ou seja, os indivíduos que compartilharam ajudaram a propagar uma violência e uma dominação com o seu próprio ser, sem ao menos se dar conta disso. Também identificamos um desejo em comum entre as 3 postagens, onde o que se quer é emagrecer, perder peso, mas em nenhum momento se fala em permanecer magra. Isto, por sua vez, pode sugerir um indivíduo capaz de fazer de tudo para emagrecer, mas muito mais do que isso, capaz de investir em alternativas fáceis para simplesmente integrar o grupo estereotipado como o padrão, o das pessoas magras. Isso se choca com a hipótese inicial, onde acreditávamos que iríamos nos deparar com replicações de usuários magros a respeito dos gordos. Entretanto, o que vimos foram usuários na condição de vítima violentada pelo habitus (BOURDIEU, 1930)

reproduzindo, amplificando e oferecendo espaço (sua própria time line) para que o estigma se tornasse permanente e visível aos outros pelas suas próprias iniciativas.

Finalmente, concluímos que os sites de rede social, o Facebook neste caso, podem surgir como um novo espaço incerto, onde padrões vão sendo criados de acordo com os valores coletivamente construídos em rede (RECUERO, 2012), reproduzidos e ancorados em sistemas de dominação e violência já existente no mundo offline. Assim, com a premissa do humor e o consentimento dos violentados para a estigmatização do corpo, os indivíduos com excesso de peso ganham mais um espaço para serem discriminados e dominados por discursos ditos superiores. É importante ressaltar que este trabalho não pretende generalizar todas as fanpages como violentas, apenas tentamos apontar algumas evidências que nos mostrassem como os processos acontecem e pudessem levar elementos visíveis para perceber essa violência no interior das fanpages e de suas postagens.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. ***O Poder Simbólico***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930

DONATH, J. ***Identity and Deception in the virtual Community***. In: KOLLOCK Peter. E Marc Smith (organizadores) Communities in Cyberspace. NewYork: Routledge, 1998

ELIAS, N.; SCOTSON, J. ***Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade***, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

GOFFMAN, E. ***A Representação do Eu na Vida Cotidiana***. Petrópolis-RJ:Vozes, 1996

HERRING, S. ***C. Computer-mediated discourse***. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), ***TheHandbook of Discourse Analysis***(pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf (Acesso em: maio de 2013)

_____. (In press, 2013).***Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured , and emergent.*** In D. Tannen & A. M. Tester (Eds.), ***Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media***. Washington, DC: Georgetown University Press, 2012. Disponível em: http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf(Acesso em: maio de 2013)

_____. ***Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior.*** In S. A. Barab, R. Kling, & J. H. Gray (Eds.), Designing for Virtual Communities in the Service of Learning (pp. 338-376), 2004. New York: Cambridge University Press. Disponível em: http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf(Acesso em: maio de 2013)

MAFFESOLI, M. ***O tempo das tribos. O declínio do individualismo nassociedades de massa.***Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2006

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. ***Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.*** Contracampo (UFF), 2006.

RECUERO, R.; ZAGO, G.***, Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter.*** Líbero, São Paulo, 2009.

RECUERO, R.***Redes Sociais na Internet***. Porto Alegre: Sulina:2009

_____.***A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet.*** Porto Alegre: Sulina, 2012
_____. ***Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social***. 2006 Disponivel em :http://www.raquelrecuero.com/alaic2006.pdf (Acesso em: maio de 2013)
_____.***Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão,*** 2009b. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>(Acesso em: maio de 2013)

RIBEIRO, J. ***Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço***. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. As janelas do ciberespaço.Porto Alegre: Sulina, 2004

ZAGO, G. ***A Experiência do Acontecimento Jornalístico no Twitter a partir de sua Recirculação*** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011. Disponível em:<http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos9encontro/CC_36.pdf(Acesso em: maio de 2013)